

A PERSEVERANÇA DO CRENTE NA FÉ E NA JUSTIÇA

COMO VEMOS A APOSTASIA E O ABANDONO DA FÉ

Fred Pugh

De tempos em tempos, encontramos uma pessoa pela primeira vez e descobrimos que ela declara ser crente. Se conversarmos por algum tempo com ela a respeito das coisas espirituais, surgirão alguns assuntos doutrinários. Embora muitos evangélicos afirmem que doutrina não é importante, sempre me admiro de que certos assuntos doutrinários surgem inevitavelmente. Uma das perguntas que os crentes me fazem com frequência é esta: “Você crê na segurança eterna?” Quando tenho certeza de que a pessoa envolvida no diálogo é um arminiano, gosto de brincar um pouco com ela. “Oh! não!”, eu respondo, “eu não creio na segurança eterna”. Um semblante de alívio se estampa na face de meu amigo, quando respondo isso. Então, eu digo logo: “Mas eu creio na perseverança dos santos”. Aquela face se transfor-

ma rapidamente em um semblante de espanto que causa a próxima pergunta: “Qual é a diferença?” Isso me dá condições de falar não somente sobre a doutrina da perseverança, mas também sobre tudo o que se relaciona com as Doutrinas da Graça.

O tema da perseverança dos santos não é apenas um assunto de interesse acadêmico. Discutir esse tema não se limita àqueles que manifestam apenas interesse teórico em doutrinas. Todo aquele que professa o nome de Jesus Cristo se deparará, em alguma ocasião, com o assunto da apostasia ou do abandono da fé. Todo crente enfrentará, em determinado momento, perguntas a respeito de o crente perder ou não a salvação. Essas perguntas podem resultar não somente de debates teológicos; podem surgir por causa de alguma coisa que deixa o crente

preocupado com o estado de sua alma. Por isso, consideraremos este assunto de suprema importância.

Para entendermos corretamente a doutrina da perseverança dos santos, precisamos entender que esta doutrina não subsiste independente de outras. É uma parte dos Cânones de Dort, chamados “Os Cinco Pontos do Calvinismo”. Todas as cinco doutrinas subsistem juntas; estão inseparavelmente unidas uma à outra. Argumentar sobre a doutrina da perseverança dos santos, não levando em conta as doutrinas relacionadas da Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição Limitada e Graça Irresistível, significa perder tempo procurando convencer qualquer pessoa de algo que não fará sentido à parte desta conexão.

É especialmente importante ver a doutrina da perseverança dos santos em sua conexão com a doutrina da eleição incondicional. O apóstolo mostrou, com clareza, essa conexão em 2 Tessalonicenses 2.13-14: “Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo”. Nesta passa-

gem, Paulo revela a conexão entre o ser escolhido (eleição incondicional) e a salvação final (perseverança dos santos).

Quando Paulo afirmou que Deus escolhera os tessalonicenses “desde o princípio”, estava expressando o mesmo sentimento que transmitira aos crentes de Éfeso, ao dizer: “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). Paulo fez uma afirmação semelhante em 2 Timóteo 1.9, declarando que Deus nos estendeu sua graça “antes dos tempos eternos”. Estas declarações se referem à eterna escolha

de Deus, para salvar um povo para Si mesmo. Deus havia resolvido designar à eterna graça e glória certas pessoas de uma raça humana caída e pecaminosa. Esta resolução de Deus se fundamenta em sua vontade soberana e em seu beneplácito, glorificando a glória de sua graça.

Esta resolução eterna — a eleição incondicional de certas pessoas por parte de Deus — tem como seu alvo final a salvação daqueles que Ele escolheu. Assim, Paulo declarou em 2 Tessalonicense 2.13: “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação”. No versículo 14, ele disse: “Para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo”. A escolha de Deus não

Embora muitos evangélicos afirmem que doutrina não é importante, sempre me admiro de que certos assuntos doutrinários surgem inevitavelmente.

foi temporária. Não foi uma escolha que Deus revoga quando um dos eleitos comete pecado. Deus planejou que a salvação do homem ocorra de acordo com a sua vontade soberana, e não de acordo com o bem ou o mal praticado pelo homem. Ele agiu especificamente assim para que a salvação chegue à sua consumação.

Então, como esta idéia difere do conceito moderno de “segurança eterna”, ocasionalmente chamada “uma vez salvo, sempre salvo”? Nesse paradigma de pensamento, a perseverança dos santos é a única das Doutrinas da Graça com a qual alguém concordaria. No entanto, quando corretamente entendida, até essa doutrina produziria discordância. O conceito moderno de “segurança eterna” afirma que uma pessoa pode confessar a fé em Cristo e, não importando como ela vive depois da confissão, ainda que vire as costas para Deus, ela será salva no final. Uma pessoa pode ser um crente e, apesar disso, não ter desejo de ler a Bíblia, orar, crescer na fé, ter comunhão na igreja, etc. Alguns se referem a tal pessoa chamando-a de “crente carnal”.

Mas o ensino de Paulo em 2 Tessalonicenses 2.13-14 é muito diferente. Ele não somente declara a graça eletiva de Deus e seu alvo final — a perseverança dos santos — mas também revela os meios pelos quais Deus realiza essa perseverança. De acordo com Paulo, Deus realiza essa salvação final por meio da “santificação do Espírito e fé na verdade”. A santificação do Espírito é a obra do Espírito Santo pela qual Ele nos separa como propriedade de Deus. O

Espírito de Deus transmite a vida de Deus à alma na obra de regeneração. De acordo com a promessa da Nova Aliança, o Espírito Santo inscreve as leis de Deus em nosso coração. Ele opera em nós a santidade interior, fixando as afeições de nosso coração nas coisas de Deus. Conseqüentemente, isto prova a falsidade da afirmação de que a doutrina da perseverança dos santos leva à libertinagem. A conexão desta doutrina com a da eleição fornece uma santidade autêntica e prática na vida daquele que é nascido de Deus.

Aquilo que Paulo chama de “fé na verdade” é transmitido àquele que é nascido de Deus. Isto não é um mero assentimento intelectual dos fatos do evangelho. Esta fé na verdade é uma aceitação fervorosa da verdade do evangelho, um recebimento do amor da verdade. Em esperança, a alma vem a Cristo, por ter percebido a sua miséria sem a regeneração. Isto é, conforme gostamos de dizer, “um dom que continua a ser dado”. À medida que o Espírito continua a obra da santificação iniciada na regeneração, a fé, sem a qual a santificação é impossível, continua a crescer. A idéia de que uma pessoa pode crer de modo salvífico e parar de crer é estranha à maneira de pensar de Paulo nesta passagem.

Tanto a fé como a santidade são necessárias à nossa salvação final. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Contudo, a fé e a santificação não são a causa, e sim o efeito, de nossa eleição; e Deus as designou como meios de

nossa perseverança. Nossa eleição para a salvação, por parte de Deus, assegura a nossa permanência na santidade e na fé.

Como avaliamos aqueles que parecem ser verdadeiros crentes, mas abandonam a fé ou mostram por sua conduta que não são verdadeiros crentes? Isto não é incomum, mesmo na experiência dos apóstolos. Aqueles que pregaram o evangelho em Samaria ficaram tão convencidos da conversão de Simão, o mago, que o batizaram. Todavia, quando Simão pediu a Pedro e a João que lhe vendessem o poder do Espírito Santo, Pedro lhe respondeu: “O teu dinheiro seja contigo para perdição... Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus” (At 8.20-21). Três vezes Paulo menciona um homem chamado Demas. Paulo o chama de cooperador em Filemom 24 e envia saudações de Demas à igreja de Colossos (Cl 4.14). Entretanto, numa afirmação pungente, em 2 Timóteo 4.10, Paulo escreve: “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica”. Como explicamos esses afastamentos da fé? Todos já ouvimos histórias semelhantes de pessoas que pareciam ser crentes fortes e que, por uma razão ou outra, não andam mais na fé. Eram crentes, porém agora não são mais? Possuíam a vida eterna e não a possuem mais?

Duas passagens das Escrituras falam primariamente sobre este dilema. Jesus mesmo abordou este assunto em Mateus 7.21-23. Ele deixou bem claro que muitos parecem

ser crentes. Conhecem a linguagem correta, ou seja: “Senhor, Senhor”. Aprenderam como se comportar de modo que os outros os aceitem como verdadeiros crentes. Aprenderam a profetizar (pelo menos, da maneira que muitos homens aceitam). Aprenderam a realizar sinais e maravilhas, de modo que muitos jamais ousariam duvidar da realidade de sua fé. Apesar disso, algo está gravemente errado. Para essas pessoas, em contraste com a aprovação que podem receber dos homens, Jesus disse: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”. O que estava errado, para que Jesus pronunciasse esse veredicto?

A última palavra de Jesus no versículo 23, “iniquidade”, nos dá a chave para o dilema, especialmente quando unida com a sua afirmativa de que no reino dos céus entrarão aqueles que fazem “a vontade de meu Pai, que está nos céus”. Fazer a vontade do Pai não é nada menos do que um amor e uma obediência fiel para com a lei de Deus como regra de vida. Há muitos que professam o nome de Cristo e não têm qualquer amor para com a lei de Deus. Eles consideram-na uma restrição à sua suposta “liberdade”. Especialmente no evangelicalismo moderno, existem muitos que colocam os sinais e maravilhas como evidência da fé salvífica no lugar do amor e da obediência à lei de Deus, os quais as Escrituras apresentam como evidência da fé salvífica. Eles corrompem ou ignoram a lei de Deus em sua maneira de pensar e em seu viver. Conseqüentemente, não devemos ficar surpresos quando alguns são descobertos como

peçoas que têm vidas caracteriza-
das por imoralidade e licenciosidade.
Como Jesus afirmou, eles praticam
a iniquidade. Com todo o seu profeti-
zar e realizar sinais e maravilhas,
eles não fazem a vontade do Pai, que
está nos céus. Não podem dizer como
Davi: “Quanto amo a tua lei! É a mi-
nha meditação, todo o dia!” (Sl
119.97.) Também não compartilham
do sentimento
do apóstolo Jo-
ão, que diz: “Os
seus mandamen-
tos não são pe-
nosos” (1 Jo
5.3). Não com-
partilham deste
sentimento por-
que o coração
deles ainda não é
regenerado. Je-
sus não disse:

“Eu vos conhe-
cia; agora não vos conheço mais”.
Em vez disso, Ele afirmou: “*Nunca*
vos conheci”.

John Gill, escrevendo em seu
comentário sobre esta passagem,
observou: “Há muitos que desejam
ser chamados e considerados cren-
tes. Estes fazem menção do nome de
Cristo em seus sermões, somente
para se livrarem de seu opróbrio,
cobrirem-se, obterem a honra das
peçoas, conquistarem a afeição e a
aceitação delas; mas não têm amor
sincero por Cristo, nem a fé verda-
deira nEle. O interesse deles não é
pregar o evangelho de Cristo, pro-
mover a glória dEle, expandir seu
reino e seus interesses. O principal
alvo deles é agradar os homens, en-
grandecer a si mesmos e estabelecer

*Embora a fé salvadora
resulte em boas obras, essas
boas obras não são
verdadeiramente boas, se
não são motivadas pela fé
em Cristo e no desejo pela
glória dEle.*

o poder da natureza humana, em opo-
sição à graça de Deus e à justiça de
Cristo”. Embora a fé salvadora re-
sulte em boas obras, essas boas obras
não são verdadeiramente boas, se não
são motivadas pela fé em Cristo e no
desejo pela glória dEle. Uma peçoas
pode simular boas obras, assim
como alguém pode falsificar dinhei-
ro. Gill prossegue afirmando que fazer

a vontade do Pai
“denota não
apenas a obedi-
ência externa
para com a
vontade de
Deus, declarada
em sua lei, nem
simplesmente a
sujeição às orde-
nanças do evan-
gelho. Denota,
em especial, a
fé em Cristo pa-

ra a vida e a salvação, que é a fonte
de toda obediência verdadeiramente
evangélica e sem a qual nada é acei-
tável a Deus”.

O apóstolo João também abor-
da esta questão em 1 João 2.18-19:
“Filhinhos, já é a última hora; e, como
ouvistes que vem o anticristo, tam-
bém, agora, muitos anticristos têm
surgido; pelo que conhecemos que é
a última hora. Eles saíram de nosso
meio; entretanto, não eram dos nos-
sos; porque, se tivessem sido dos
nossos, teriam permanecido conosco;
todavia, eles se foram para que
ficasse manifesto que nenhum deles
é dos nossos”. João fala com muita
severidade sobre aqueles que pareci-
am ser crentes mas haviam abando-
nado a igreja e a fé. Ele os chama de

“anticristos”. Exteriormente, a vida dessas pessoas eram tais que a igreja as aceitou como verdadeiros crentes. No mínimo, parecia não haver qualquer pecado notório que os identificasse como incrédulos. Mas João observa: “Eles saíram de nosso meio”. Apostataram da igreja e da fé.

João deixa claro que esta apostasia não é uma questão de alguém ter a fé salvadora e, depois, perdê-la e abandoná-la. A apostasia é uma questão de alguém professar a fé e não ter a realidade da fé salvadora. Ele afirma que tais pessoas saíram do meio da igreja porque não eram “dos nossos”. A. T. Robertson observa que João usa o termo “dos nossos” no sentido de origem. A vida e o espírito dessas pessoas não era da mesma origem da vida daqueles que tinham a fé salvadora. Robert-

son acrescenta que não havia qualquer comunhão interior e, por fim, eles romperam a comunhão exterior. Assim como no caso daqueles a respeito dos quais Jesus falou, não havia nestes uma realidade interior que coincidia com a confissão exterior. João prossegue e declara a situação deles com mais veemência: “Se tivessem sido dos nossos [no sentido de origem de sua vida espiritual], teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”. Por fim, Deus trouxe, em sua providência, circunstâncias que forçaram esses falsos crentes a se manifestarem. Deus os forçou a agir de modo que uma distinção clara apareceria entre os que tinham a verdadeira fé salvadora e os que eram apenas crentes falsos.



E lhe porás o nome de Jesus.

Mateus 1.21

Jesus! Este é o nome que impulsiona as harpas do céu a ressoarem melodias! Jesus — a essência de todas as nossas alegrias. Se existe um nome mais encantador, ou mais precioso do que qualquer outro, este nome é Jesus; ele está entrelaçado na base de nossa salmodia. Muitos de nossos hinos começam com este nome, e poucos dos hinos que são dignos de ser entoados não terminam com este nome. O nome Jesus é a suma de todos os deleites. É a música que move os sinos do céu — uma música em uma palavra; um oceano a ser compreendido, embora seja uma gota de brevidade; uma oratória inigualável em duas sílabas; um coro de aleluias em cinco letras.

C. H. Spurgeon

(Extraído do livro *Leituras Diárias*, vol. 2, Editora Fiel, 2006)

DAVID BRAINERD

(1718 - 1747)

Gilson Santos

David Brainerd nasceu a 20 de abril de 1718, no Estado de Connecticut, nos Estados Unidos da América. Seu pai se chamava Ezequias Brainerd, um advogado; e sua mãe, Dorothy Hobart, era filha do Pr. Jeremias Hobart. David foi o terceiro filho de um total de cinco filhos e quatro filhas. Foi um menino de saúde muito frágil, que acabou sendo privado de uma vida social mais dinâmica com outros garotos de sua idade. Sempre teve uma natureza sóbria, e um espírito reservado. Em sua infância, embora preocupado com o destino de sua alma, não sabia o que era conversão. Seu pai morreu quando ele estava com apenas nove anos, e aos catorze anos ele perdeu também sua mãe. Tornou-se ainda mais tristonho e melancólico, e os valores religiosos que recebeu na infância começaram a declinar em sua juventude.

Entretanto, como fruto da obra preveniente da graça divina, Brainerd

afastou-se de algumas companhias indesejáveis e começou a dedicar tempo à oração individual. Começou a ler mais a Bíblia e formou, com outros jovens, um grupo para encontros dominicais. Começou a dedicar bastante atenção às pregações e procurava aplicá-las à sua vida. Ainda assim, ele não conhecia a Cristo pessoalmente. Tornou-se ainda mais zeloso no terreno da religiosidade e sentiu a convicção e o peso do pecado, adquirindo o mais agudo senso do perigo e da ira de Deus. Contudo, suas esperanças ainda não estavam depositadas na justiça de Cristo, mas em si mesmo. Finalmente, o Espírito de Deus o conduziu à fé em Cristo, e ele passou a experimentar o descanso de uma vida justificada e a ação do poder de Deus em uma Novidade de Vida. Tinha vinte e um anos.

Dois meses depois de sua conversão, Brainerd ingressou na Universidade de Yale. Mesmo num

contexto de algumas pressões, ele dedicou bom tempo à comunhão a sós com Deus. As enfermidades, muitas vezes, atrapalhavam seus estudos. Num momento particularmente difícil, ele contraiu tuberculose e expelia sangue pela boca. Ainda assim, ele trabalhou intensamente e obteve distinção como estudante. Porém, quando estava em seu terceiro ano de universidade, teve de deixar a escola devido a uma circunstância bastante delicada. Isso significou um grande desapontamento para ele, pois, mais tarde, no dia em que os outros colavam grau, Brainerd escreveu em seu diário: “Neste dia eu deveria receber meu diploma, mas Deus achou conveniente negar-me isso”.

Foi justamente nesse período que se acentuaram suas preocupações com as almas perdidas. Ele começou a pensar profundamente sobre as pessoas que nunca tinham ouvido falar de Cristo. Chamou-lhe particular atenção a triste condição dos índios norte-americanos. Não havia muitos missionários trabalhando entre eles. Brainerd começou a colocar em prática o seu amor pelos índios, obtendo maiores informações sobre sua realidade e orando freqüentemente por eles. O desejo de levar o Evangelho aos índios foi crescendo em seu coração.

Surgiu a ocasião em que Brainerd pôde apresentar-se como missionário aos índios. Sua saúde precária era um fator de preocupação, tendo em vista as condições inóspitas e difíceis que enfrentaria. Seus amigos lhe diziam: “Se Deus quer que você vá, Ele lhe dará forças”. Quan-

do tinha vinte e quatro anos, ele escreveu em seu diário: “Quero esgotar minha vida neste serviço, para a glória de Deus”. No ano seguinte, começou a dedicar sua vida pregando aos índios nas florestas solitárias e frias. Vendeu seus livros e roupas que não usaria e começou a vida bastante isolada, marcada por uma trajetória de auto-sacrifício e sofrimento. Mas Deus o abençoou ricamente. Como um “grão de trigo que morre ao cair na terra”, Brainerd não ficou só; a morte deste “grão de trigo” produziu muito fruto.

Desfrutando do privilégio de visitar alguns lugares relacionados à vida de Brainerd, inclusive o local em que ele primeiramente pregou aos índios, fiquei pessoalmente impressionado com o seu caráter e renúncia, fruto da poderosa graça de Deus em sua vida. Freqüentemente, Brainerd ficou exposto ao frio e à fome. Não podia ter o conforto da vida normal. Viajava a pé ou cavalgando por longas distâncias, dia e noite. As viagens eram sempre perigosas. Para atingir algumas tribos distantes, devia passar por montanhas íngremes na escuridão da noite. Atravessou pântanos perigosos, rios de forte correnteza e florestas infestadas de animais selvagens. Tinha de viajar quinze a vinte e cinco quilômetros para comprar pão, e, às vezes, antes de comê-lo, o pão estava azedo ou mofado. Dormia sobre um monte de palha que estendia sobre tábuas erguidas um pouco acima do chão. Em muitos momentos estava só e ficava feliz quando podia contar com seu intérprete para conversar. Não tinha companheiros cristãos com quem

pudesse dividir o fardo em momentos de comunhão e oração. “Não tenho nenhum conforto, a não ser o que me vem de Deus”, escreveu ele.

Seu ministério tornou-se bem amplo, alcançando índios nos Estados norte-americanos de Nova Iorque, Nova Jersey e ao leste da Pensilvânia. Havendo encontrado os índios em meio a muitas superstições e recebendo muitas vezes os efeitos da fúria de seus sacerdotes, Brainerd pôde declarar o poder de Deus acima de todos os deuses. Apesar de todas as dificuldades, era movido por um intenso desejo de contemplar a salvação dos índios. Com isto em vista, aliou, por muitas vezes, o jejum à oração. “Não importa onde ou como vivi ou por que dificuldades passei, contanto que tenha, desta maneira, conquistado almas para Cristo”, escreveu ele. Boa parte de seu trabalho era feito em lutas físicas, especialmente tendo em vista sua saúde sempre precária e, como escreveu Edwards, “sua própria constituição e temperamento natural, muito inclinado à melancolia” – e sobre isto, acrescenta Edwards, “ele excedeu a todas as pessoas melancólicas que conheci”.

O fato é que Deus honrou sobremaneira o ministério de Brainerd. O Espírito de Deus desceu poderosamente sobre os índios, num grande avivamento que afetou tribos inteiras. Por volta de 1745, mesmo os índios que viviam de forma impiedosa, opondo-se à pregação do Evangelho, se convenceram do pecado. Vários se converteram. Muitos brancos, que apareciam por curiosidade para ouvir o que Brainerd dizia aos

índios, também foram convertidos. Índios de toda floresta ouviram falar de Brainerd e vinham em grande número ouvi-lo. Era muito comum ouvir os altos brados dos índios clamando pela misericórdia de Deus, toda vez que Brainerd pregava. Seu ministério influenciou também as crianças índias. Ele criou escolas em que elas eram ensinadas a lavrar a terra e a semear, além de receberem os ensinamentos do Evangelho de Cristo.

Ao escolher o trabalho nas florestas úmidas, Brainerd sabia que não poderia esperar viver muito. Ele viu seu corpo definhando, pouco a pouco. Aos vinte e nove anos, foi colocado em seu leito de morte, sofrendo terrível agonia e dor física. Testemunhou de Cristo em seus momentos finais e anelava por encontrar-se com o Senhor. Ele faleceu em 9 de outubro de 1747, tendo sido sepultado em Northampton, Massachusetts. Jonathan Edwards conduziu o funeral. Foi uma vida curta, mas que glorificou a Deus grandemente.

Edwards, que o conheceu muito bem, disse sobre Brainerd:

(...) dotado de um gênio penetrante, de pensamento claro, de raciocínio lógico e de julgamento muito exato, como era patente para todos que o conheciam. Possuidor de grande discernimento da natureza humana, perscrutador e judicioso em geral, ele também sobressaía em juízo, conhecimento teológico e, sobretudo, na religião experimental.

Num artigo em 2001, eu escrevi:
David Brainerd é um exemplo de alguém que resolveu colocar sua

vida no altar (...) As privações, o trabalho incansável, as intempéries consumiram o seu vigor. Uma prolongada enfermidade ceifou sua vida. Devido à sua fragilidade física e aos rigores do campo missionário, ele contraiu tuberculose. Brainerd calculou o preço do seguir a Cristo e deliberadamente fez uma escolha que significava separar-se do mundo civilizado, com suas vantagens e associar-se à dureza, ao trabalho e, possivelmente, a uma morte prematura e solitária. Entretanto, homens como William Carey, Henry Martyn, Robert Murray McChesney, John Wesley, Jonathan Edwards, Charles Spurgeon, Oswald Smith, Jim Elliot, citando apenas alguns, testemunharam a grande influência da biografia de Brainerd em suas vidas. Um biógrafo de Brainerd diz que ele “foi como uma vela que, na medida em que se consumia, transmitia luz àqueles que estavam em trevas”.¹

Algo muito importante que Brainerd

fez foi escrever um diário, no qual registrou as experiências que lhe surgiram. Neste diário, editado por Jonathan Edwards, Brainerd faz uma breve explanação de sua infância e juventude e começa a narrar-nos os fatos, escrevendo periodicamente a partir de 18 de outubro de 1840. Ainda que Brainerd tenha lutado quase que “invencivelmente” contra a publicação de qualquer porção de seu diário, este, publicado depois de sua morte, tem sido um instrumento de Deus para influenciar a vida de muitas pessoas. O *Diário de David Brainerd* foi publicado em português pela Editora FIEL, em 1993.²

¹ SANTOS, Gilson. “O Tom Sofrido da Voz Profética”. Em: *Fé para Hoje*, Número 9, Ano 2001, São José dos Campos: Editora Fiel, pp. 13-22.

² Cf. EDWARDS, Jonathan. *A vida de David Brainerd*. São José dos Campos: Editora Fiel, 1993.



Os grandes princípios morais que iluminam a consciência e o caráter adulto devem penetrar e agir na entenebrecida mente desde a infância.

Tedd Tripp

(Extraído do livro "Dicas para Pais", Editora Fiel, p. 35)

O QUE PENSAMOS SOBRE CALVINISMO E EVANGELISMO

Ernest Reisinger

George Whitefield foi um dos maiores evangelistas da história da igreja. Leia as seguintes palavras e observe seu apelo aos pecadores:

“Hoje, eu lhes ofereço a salvação. A porta da misericórdia ainda está aberta. Ainda existe um sacrifício que redime todo pecado, para aquele que receber a Jesus. Ele o envolverá nos braços do seu amor. Converta-se a Jesus, converta-se de sua indignidade; diga-Lhe que você é impuro, vil; não seja incrédulo, mas crente. Por que ter receio de que o Senhor Jesus não o receberá? Seus pecados não constituem um obstáculo; sua indignidade não é um impedimento. Se o seu coração corrompido não o impede de vir a Ele, nada impedirá a Cristo de recebê-lo. O Senhor Jesus se deleita em contemplar pecadores indignos vindo até Ele e se agrada em vê-los prostrarem-se aos seus pés, clamando pelo cumprimento de suas promessas. Se você vier a Cristo deste modo, Ele não o mandará em-

bora, sem outogar-lhe o seu Espírito. Pelo contrário, o Senhor Jesus o receberá e o abençoará. Não menospreze este amor infinito. Jesus deseja somente que você creia nEle, para que seja salvo. Isto é tudo o que o Salvador amado deseja, para torná-lo feliz: que você abandone seus pecados, a fim de assentar-se eternamente ao lado dEle, na ceia das bodas do Cordeiro.

Permita-me rogar-lhe que venha a Jesus e o receba como seu Senhor e Salvador. Ele está disposto a recebê-lo. Convido-o a vir a Ele, a fim de encontrar descanso para sua alma. O Senhor Jesus se regozijará e exultará. Ele o chama por intermédio dos ministros do evangelho. Ó, venha a Jesus, que está agindo para libertá-lo do pecado e de Satanás e trazê-lo para Si mesmo. Abra a porta do seu coração, e o Rei da glória entrará. Meu coração está ardendo; tenho de falar, pois, do contrário, explodirei. Você acha que sua alma não tem valor al-

gum? Considera-a indigna de ser salva? Seus prazeres são mais importantes do que sua alma? Você prefere os deleites da vida à salvação da sua alma? Se isto é verdade, você nunca participará da glória eterna, com Jesus. Mas, se vier a Jesus, Ele lhe concederá sua graça nesta vida e o levará à glória, no porvir. E você entoará louvores e aleluias para sempre. Desejo que este seja o destino feliz de todos os que me ouvem!”

George Whitefield era um calvinista firme. E uma coisa é certa: o calvinismo de Whitefield não diminuiu, de maneira alguma, o seu zelo pelas almas dos homens.

O QUE É O CALVINISMO?

O grande teólogo de Princeton, Dr. B. B. Warfield, descreveu assim o calvinismo:

“O calvinismo é o evangelismo em sua autêntica e única expressão; e, quando dizemos evangelismo, estamos incluindo *pecado e salvação*. Significa total dependência de Deus para a salvação; envolve a necessidade de salvação e um profundo senso desta necessidade, acompanhada por um senso igualmente profundo de nossa incapacidade de satisfazer esta necessidade e de nossa completa dependência de Deus para satisfazê-la. Encontramos uma ilustração desta verdade no publicano que bateu no peito e exclamou: ‘Ó Deus, sê propício a mim, pecador!’ Não há menção à capacidade de salvar a si mesmo, ou de ajudar a Deus a salvá-lo, ou de abrir o caminho para que Deus o salvasse. Isto é calvinismo,

não apenas algo parecido com o calvinismo, nem algo que se aproxima do calvinismo, e sim o calvinismo em sua manifestação vital. Onde se encontra esta atitude de coração e onde ela se manifesta em palavras diretas e indubitáveis, ali está o calvinismo. Onde se rejeita esta atitude de coração e mente, ali o calvinismo se torna impossível.

Em uma frase, o calvinista é o homem que vê a Deus. Ele obteve uma visão do Inefável e não permitirá que tal visão desapareça de seus olhos — Deus na natureza, Deus na História, Deus na graça. Em todos os lugares, o calvinista vê a Deus em seus fortes passos, sente a obra do poderoso braço de Deus e o pulsar do seu vigoroso coração. O calvinismo é apenas cristianismo. O sobrenaturalismo em favor do qual o calvinista permanece firme é a própria respiração do cristianismo. Sem ele, o cristianismo não existiria.... Portanto, em nossa opinião, o calvinismo surge como a única esperança do mundo.”

John A. Broadus, um dos importantes e respeitados pais dos batistas do Sul, descreveu o calvinismo de seu co-fundador do Seminário Batista do Sul, Dr. James P. Boyce, como nada menos do que um nome técnico para o “sublime sistema de verdades do apóstolo Paulo”.

Charles Spurgeon, o grande conquistador de almas, disse:

“Utilizamos o termo *calvinista* apenas por simplificação. A doutrina chamada *calvinismo* não surgiu de João Calvino; cremos que ela procede do grande fundador de toda a verdade. Talvez o próprio Calvino a

derivou principalmente dos escritos de Agostinho, que, sem dúvida, obteve das Escrituras as suas idéias, por intermédio do Espírito Santo de Deus, a partir de um estudo diligente dos escritos do apóstolo Paulo. E Paulo os recebeu do Espírito Santo e do próprio Senhor Jesus, o grande fundador da Igreja.

Empregamos o termo *calvinismo* não porque atribuímos extraordinária importância ao fato de que Calvino ensinou estas doutrinas. Estaríamos sendo justos se lhes déssemos qualquer outro nome, se pudés-

semos achar um nome que seria melhor compreendido e que seria consistente com os fatos”.

Spurgeon prossegue, dizendo:

“As antigas verdades que João Calvino pregou, que Agostinho pregou, é a verdade que eu prego hoje. Em caso contrário, seria falso para com a minha consciência e meu Deus. Não posso moldar a verdade; não conheço nada a respeito de lapidar as asperezas de uma doutrina. O evangelho de John Knox é o meu evangelho. E o evangelho que trouxe por toda a Escócia tem de trazer novamente na Inglaterra”.

VÁRIAS ATITUDES PARA COM O CALVINISMO

O assunto deste artigo suscita

opiniões diferentes na mente das pessoas. A História já testemunhou muitas controvérsias sobre o calvinismo. Este assunto permanece em sua vital importância, no tempo presente. Isto é particularmente verdadeiro à luz do atual afastamento da ortodoxia histórica e bíblica. In-

felizmente, muitas opiniões prejudiciais mas agradáveis aos homens têm invadido cada aspecto da vida religiosa. Em quase todos os lugares, podemos encontrar pessoas fazendo a velha pergunta de Pilatos: “O que é a verdade?”

Existem milhares de opiniões religiosas diferentes que servem como resposta a esta pergunta. Às vezes, esta pergunta é levantada pelos céticos, que duvidam até da existência de uma resposta objetiva. No entanto, esta pergunta é feita, com frequência, *por pessoas sérias que desejam encontrar a saída da confusão religiosa de nossos dias. Esperamos que você a encontre neste estudo.*

Embora o cristianismo de nossos dias seja tão diversificado, podemos verificar que entre aqueles que podem ser razoavelmente chamados de cristãos existem apenas duas divisões. As práticas talvez sejam diferentes, e pontos de vistas diversos podem ser mantidos, mas as posi-

■

*O Senhor Jesus se deleita em
contemplar pecadores
indignos vindo até Ele e se
agrada em vê-los
prostrarem-se aos seus pés,
clamando pelo cumprimento
de suas promessas.*

■

ções fundamentais serão reconhecidas como derivadas de dois sistemas de teologia — calvinismo ou arminianismo. Estes são os termos modernos empregados para distinguir e descrever dois sistemas de pensamento e ensino teológicos amplamente diversos.

O verdadeiro cristianismo deve nos levar aos pés dos apóstolos e, na realidade, aos pés do próprio Senhor Jesus. O ponto de vista que afirmamos e defendemos em seguida, quando admitido corretamente, nos leva ao resultado que acabamos de mencionar.

Nós o chamamos de calvinismo, mas poderia com justiça ser chamado de agostinianismo. Também poderíamos retroceder as páginas da história eclesiástica e designá-lo paulinismo. Não importa o nome que lhe atribuamos, tal nome tem de ser considerado apenas uma conveniência que se tornou necessária por causa de sua aceitação generalizada. Consideramos a utilização deste nome como um erro que tem sido um meio de fomentar muitos sofismas, que surgem não somente em nossos dias, mas também no passado.

Existe em nossos dias um grande ressurgimento deste sublime e glorioso sistema paulino de verdade bíblica — especialmente entre os Batistas do Sul. Estar neste grupo equivale a retornar às nossas raízes doutrinárias. Os fundadores da Convenção Batista do Sul estavam imersos na torrente da verdade bíblica que levou o apóstolo a clamar: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus

juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! *Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!”* (Rm 11.33-36)

NÃO VÁ ALÉM DAS ESCRITURAS

A seguinte advertência deve servir de orientação para aqueles que desejam estudar o calvinismo:

“A importância deste assunto deve nos levar a prosseguir com profunda reverência e cautela. É verdade que os mistérios devem ser abordados com cuidado e que devemos evitar especulações infundadas e presunçosas a respeito das coisas de Deus; mas, se queremos proclamar o evangelho em sua pureza e plenitude, temos de ser cuidadosos em não reter dos crentes aquilo que está declarado nas Escrituras sobre a verdade exposta pelo calvinismo. Algumas destas verdades serão pervertidas e injuriadas. Embora o calvinismo seja ensinado com clareza nas Escrituras, a mente entenebrecida considera um absurdo o fato de que Deus existe em três pessoas ou que Ele ordenou todo o curso dos acontecimentos do mundo, de modo que incluísse o destino de cada pessoa. E, ainda que possamos saber do calvinismo apenas aquilo que Deus achou conveniente revelar, é importante conhecermos muito bem o que está revelado; pois, do contrário, Ele não o teria revelado. Devemos ir com se-

gurança aonde as Escrituras nos conduzem” (L. Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*, pp. 54-55).

Existem várias distorções por parte daqueles que não sabem realmente o que é o calvinismo bíblico. Muitos deles o chamam de *hipercalvinismo*. Alguns acham que, se você crê no ponto de vista antinomiano da “segurança eterna”, você é um calvinista, e os demais ou são arminianos ou são hipercalvinistas.

Sem dúvida, muitos calvinistas não evangelizam como deveriam. No entanto, isto não ocorre por causa do calvinismo, e sim por causa de um coração frio e indiferente. Muitos arminianos não evangelizam, mas isto também não ocorre por causa da doutrina na qual crêem, e sim por causa da frieza e indiferença de coração.

É verdade que o calvinismo aniquilará alguns tipos de evangelismo, tal como o evangelismo superficial e antibíblico, que é repulsivo aos calvinistas, mas nunca aniquilará o evangelismo bíblico. Isto significa que os calvinistas amam e aceitam o evangelismo verdadeiro, bíblico e centralizado em Deus.

O calvinismo aniquilará o evangelismo centralizado no homem. O verdadeiro calvinismo proporciona ao evangelismo o seu único e correto fundamento doutrinário. Além disso, o calvinismo garante sucesso ao evangelismo. Deus salva pecadores — isto é calvinismo. Deus não somente torna a salvação possível, Ele realmente salva de acordo com seu plano e por meio de seu poder.

A DOCTRINA DA ELEIÇÃO É VITAL AO EVANGELISMO

A doutrina da eleição incondicional é uma das doutrinas fundamentais do calvinismo. Devemos observar a distinção entre os *meios* e a *causa*.

Deus escolheu tanto os *meios* como os *recipientes* da salvação. A sua Palavra nos diz que Ele decidiu salvar seu próprio povo por intermédio da pregação e do testemunho. “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.”

Temos de lembrar que a pregação e a oração constituem os meios e não a causa por que alguém é salvo. A causa é o amor eletivo e incondicional de Deus. Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que “todo aquele” crerá e não perecerá.

A quem se refere “todo aquele”?

“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim.”

João 6.37

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.”

João 10.27

Por que alguns não crêem?

“Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas.”

João 10.26

O Pai deu ao Filho algumas ovelhas e nos enviou a pregar, porque este é o meio que Ele utiliza para chamá-las. “Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste” (Jo 17.2).

As ovelhas virão porque Cristo morreu por elas e orou em favor delas. “É por eles que eu rogo; não rogo

pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (Jo 17.9). Jesus orou até pelas ovelhas que viriam, no futuro. “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra;” (Jo 17.20); “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24).

Por que o amor eletivo de Deus é tão importante para missionários e pregadores do evangelho? Porque esta é a doutrina que assegura o sucesso de nossos esforços missionários. Os grandes evangelistas da história da igreja criam na doutrina bíblica da eleição. Esta doutrina é um dos elementos essenciais do calvinismo.

Seria uma atitude sábia da parte dos batistas contemporâneos atentar à exortação do profeta: “Ouvi-me vós, os que procurais a justiça, os que buscais o SENHOR; olhai para a rocha de que fostes cortados e para a caverna do poço de que fostes cavados” (Is 51.1).

Os israelitas foram ordenados a relembrar seu passado. A lembrança da misericórdia de Deus, demonstrada no passado, será proveitosa de muitas maneiras. Uma recordação do

passado estimulará nossa gratidão; e o povo de Deus está sempre feliz, quando se mostra agradecido. Todavia, nesta época particular da História será proveitoso avaliarmos nosso alicerce doutrinário — “a rocha de que fostes cortados”. Uma honesta consideração do passado nos ensinará a

importância da sã doutrina, especialmente como fundamento para a pregação do evangelho. Os batistas sempre tiveram zelo por missões e evangelismo.

Olhando ao passado e considerando os guerreiros da

obra de evangelismo e missões, devemos perguntar: “O que aqueles homens criam a respeito de Deus, do homem, do pecado e da salvação?” É fácil descobrir que, em sua maioria, eles eram calvinistas, e seus esforços evangelísticos estavam fundamentados no calvinismo. A sã doutrina norteia toda a verdadeira adoração e o evangelismo; e isto é a essência do cristianismo. A doutrina não somente expressa a verdadeira experiência de conversão, mas também determina a mensagem e os métodos de evangelismo.

O fundamento doutrinário do evangelismo bíblico é tão importante à obra de evangelização quanto os ossos o são para o corpo humano. A doutrina outorga unidade e estabilidade.

Em todos os lugares, o calvinista vê a Deus em seus fortes passos, sente a obra do poderoso braço de Deus e o pulsar do seu vigoroso coração. O calvinismo é apenas cristianismo.

O fundamento doutrinário produz o vigor espiritual que capacita o evangelismo a suportar as tempestades de oposição, crueldade e perseguição que freqüentemente o acompanham. Portanto, a igreja que negligencia o verdadeiro fundamento doutrinário do evangelismo bíblico logo enfraquecerá seus esforços evangelísticos.

A falta de um fundamento doutrinário militará contra a unidade, introduzindo o erro e a instabilidade em todos os esforços evangelísticos. É imprescindível que tenhamos um fundamento bíblico correto para o verdadeiro evangelismo centralizado em Deus.

A doutrina molda o nosso destino. Atualmente, estamos colhendo os frutos de um evangelismo não fundamentado nas Escrituras. O grande apóstolo, ao instruir um jovem pastor a respeito da obra de um evangelista, disse-lhe que *a doutrina* (o ensino) é o primeiro propósito das Escrituras: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ENSINO” (2 Tm 3.16).

Quando falamos a respeito de doutrina, não nos referimos a qualquer doutrina, e sim à doutrina que os fundadores de nosso primeiro seminário ensinavam e acreditavam. A doutrina que Boyce ensinou e na qual acreditava era o alicerce de sua devoção, que ele inspirou em outros.

A respeito de quais doutrinas estou falando? Estou falando a respeito daquelas doutrinas que foram definidas, expressas, defendidas e estruturadas pelo Sínodo de Dort, em 1618; as mesmas doutrinas apresentadas na Confissão de Fé de West-

minster e no Catecismo de Heidelberg; aquelas doutrinas expressadas na antiga Confissão de Fé Batista de 1689, adotada posteriormente pela Associação da Filadélfia, da qual surgiu a Convenção Batista do Sul.

Estamos falando sobre as doutrinas preciosas que nos apresentam um Deus que salva e não um Deus que apenas torna a salvação possível para os pecadores, de alguma maneira, salvarem a si mesmos, por meio de uma decisão ou por cooperação em sua própria salvação. Falo de doutrinas que apontam para um Deus que realmente salva, de conformidade com seu plano e propósito, bem como por intermédio de seu poder.

Estou falando sobre as doutrinas que revelam os três grandes atos do Deus triúno em resgatar pecadores perdidos, ou seja:

1. *O amor eletivo do Pai;*
2. *A poderosa redenção consumada pelo Filho;*
3. *A chamada eficaz pelo Espírito Santo.*

Cada pessoa da Trindade age em favor da salvação do mesmo povo, assegurando infalivelmente a salvação desse povo.

Estas doutrinas fazem a salvação depender de Deus e não da capacidade do homem. Atribuem a Deus toda a glória pela salvação dos pecadores, não dividindo a glória entre Deus e os pecadores. Revelam que a História é apenas a realização do plano predeterminado de Deus. Revelam um Deus que é soberano na criação e na redenção — a Trindade trabalhando em harmonia para a sal-

vação das ovelhas: Deus, o Pai, *planejou* a salvação; Deus, o Filho, *a realizou*; e Deus, o Espírito, *transmite e aplica* eficazmente a salvação. Não existe qualquer conflito na Trindade. As pessoas da Divindade trabalham juntas em favor do mesmo povo: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz”.

Não concordamos com a idéia errônea de que Deus fez tudo que podia e agora espera passivamente, enquanto vê o que os soberanos pecadores fazem com um Jesus impotente e patético. Não, Deus realmente salva pecadores — a salvação vem do Senhor.

Os calvinistas crêm que a cruz não foi um lugar que apenas tornou possível a salvação; pelo contrário, a cruz assegura a salvação do povo de Deus (Is 53.11). Estas doutrinas mostram que a cruz revela o poder de Deus para salvar, e não a sua incapacidade de salvar. Deus não foi frustrado na cruz. Ali, Ele era o *Mestre-de-Cerimônias*. Conforme declarou o apóstolo Pedro: “Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At 2.23).

Os calvinistas não crêm que o decreto de Deus para salvar o homem o deixa passivo ou inerte. Não! Não! O que acontece é o contrário! A aliança da graça não aniquila o homem, não o reputa um robô ou um ser inanimado. Ela toma posse do homem, conquista todo o seu ser, com todas as suas faculdades, e se apossa dos poderes de sua alma e de seu corpo — no presente e para sempre.

A graça soberana de Deus não aniquila os poderes do homem; pelo contrário, *vence* a incapacidade do homem. Não destrói a vontade do homem, mas liberta-a do pecado. Não sufoca nem oblitera a consciência do homem; em vez disso, livra-a das trevas. A graça soberana regenera e cria de novo o homem em sua totalidade; e, ao regenerá-lo, leva-o a amar a Deus e a consagrar-se espontaneamente a Ele.

CONSIDERANDO O PASSADO

Tenho uma antiga convicção de que, além da Bíblia, da qual extraímos tudo o que se refere a Deus e à alma, não existem outros livros que eu recomendaria, para uso devocional e experimental, mais do que os livros escritos por nossos pais calvinistas, tais como John Bunyan, Andrew Fuller, Charles Haddon Spurgeon, Basil Manly, James P. Boyce e John L. Dagg.

Considerando nosso passado e olhando para a rocha da qual fomos cortados, não podemos esquecer alguns homens da Convenção Batista do Sul, pais e líderes que eram calvinistas firmes e comprometidos:

Basil Manly — um historiador disse que Manly desempenhou o papel de regente em orquestrar os acontecimentos que resultaram no surgimento de uma convenção batista conservadora. Manly produziu um resolução bem elaborada em seis pontos que causou a separação entre os batistas do Norte e os do Sul. Esta resolução foi aprovada por unanimidade. Basil Manly era um calvinista

de primeira ordem.

James P. Boyce — este foi um dos principais fundadores de nosso primeiro seminário. Depois de sua morte, um de seus ex-alunos, Dr. David Ramsey, fez uma preleção na comemoração do Dia dos Fundadores, em 11 janeiro de 1924. Sua mensagem se intitulava “James Petigru Boyce: God’s Gentleman” (James P. Boyce, o Homem Nobre de Deus). Poucas citações da preleção do Dr. Ramsey contarão a história de que Boyce era um calvinista que amava a alma dos homens.

Dr. Ramsey disse: “Minha contensão é que nenhuma outra teologia, além daquela que envolve um amor avassalador e consumidor pela alma dos homens, pode explicar a vida e o ministério de James P. Boyce. Este amor apaixonado era o motivo que direcionava sua maneira de pensar naquelas primeiras conferências e na preparação daqueles artigos que levaram ao estabelecimento do seminário.

O propósito de ajudar seus colegas permeava todos os seus planos, sua conversa, seus escritos, sua pregação e seu ensino.

O zelo pelas almas exigiu o melhor de seu ser, assim como o sol faz as plantas e flores sobrecarregadas de orvalho se curvarem ao deus do dia”.

O Dr. Boyce não somente amava os homens, mas também a Deus. O Dr. Ramsey disse, a respeito deste assunto: “Isto se refere tanto ao amor subjetivo como ao amor objetivo — o amor dos homens para com Deus e o amor de Deus para com os homens”.

Os amigos íntimos de Boyce e cooperadores no estabelecimento do seminário expressaram seus sentimentos a respeito da teologia de Boyce: “Tivemos o grande privilégio de ser dirigidos e instruídos por tal professor no estudo do sublime conjunto de doutrinas do apóstolo Paulo, que, tecnicamente, se chama calvinismo. Este conjunto de doutrinas compele o estudante zeloso a um raciocínio profundo. E, quando o estudo é ministrado por alguém que combina o pensamento sistemático com a experiência fervorosa, tal estudo faz o aluno sentir-se bem, em meio aos mais inspiradores e elevados pontos de vista a respeito de Deus e do universo que Ele criou”.

O legado de Boyce à nossa posteridade é a teologia bíblica expressa em *Abstract of Systematic Theology* (Síntese de Teologia Sistemática), que não afirma outra coisa além do que ele ensinava em classe. É o puro calvinismo.

William A. Muller, autor de *A History of Southern Baptist Theological Seminary* (História do Seminário Teológico Batista do Sul), disse: “Como teólogo, o Dr. Boyce não teve medo de permanecer nas ‘veredas antigas’. Ele era conservador e eminentemente bíblico. Abordava com muita equidade pontos de vista que, discutidos os seus diversos aspectos, ele se recusava a aceitar. Apesar disso, seu ensino era decisivamente calvinista, de acordo com o modelo dos ‘antigos teólogos’. Ele abordava as dificuldades relacionadas a certas doutrinas (tais como: Adão — o cabeça de toda a raça humana, a eleição e a expiação) não com o objetivo de

silenciar o controversista, mas com o propósito de auxiliar o inquiridor sincero.

O Rev. E. E. Folk, escrevendo no *Baptist Reflector* (Refletor Batista), comentou a respeito das habilidades e dos resultados de Boyce como professor de teologia: “Você tinha de conhecer bem sua própria teologia sistemática, pois, do contrário, não poderia apresentá-la ao Dr. Boyce. E, embora muitos dos jovens seminaristas fossem arminianos, quando chegavam ao seminário, poucos terminavam o curso sem converterem-se às fortes posições do Dr. Boyce, no transcorrer do curso ministrado por ele”. James P. Boyce era um calvinista convicto.

W. B. Johnson, primeiro presidente da Convenção Batista do Sul, era calvinista.

R. B. C. Howell, segundo presidente da Convenção Batista do Sul, era calvinista.

Richard Fuller, terceiro presidente da Convenção, era calvinista.

Patrick Hues Mell, conhecido como “o Príncipe dos Parlamentares”, era professor de grego e latim na Universidade Mercer (Geórgia). Uma das coisas admiráveis a respeito de Mell é que ele foi o presidente da Convenção por dezessete vezes (duas vezes mais do que qualquer outro homem). Mell era um defensor polêmico do calvinismo. A Sra. D. B. Fitzgerald, que morou vários anos na casa de Mell e era membro da Igreja Antioquia, recordou os esforços iniciais dele na igreja:

“Quando chamado a assumir o pastorado da igreja, o Dr. Mell a encontrou em um estado de confusão. Ele disse que certo número de membros estava se desviando para o arminianismo. Ele amava muito a verdade e não poderia respirar dois ares ao mesmo tempo. A igreja era batista e tinha de afirmar as doutrinas peculiares que a denominação lhe havia ensinado. Com aquela ousadia, clareza e vigor de linguagem que o caracterizava, ele pregava aos membros as doutrinas da predestinação, da eleição, da graça gratuita, etc. Dr. Mell disse que sempre tinha de pregar a verdade como a encontrava na Palavra de Deus e deixar o restante com Deus, sentindo que Ele cuidaria dos resultados” (*A Southern Baptist Looks at the Doctrine of Predestination - Um Batista do Sul Considera a Doutrina da Predestinação*, páginas 58, 59).

Poderíamos multiplicar os nomes de líderes batistas do Sul que eram calvinistas comprometidos e firmes no evangelismo. Porém, apenas mais um nome será suficiente.

John A. Broadus, um grande pregador e um dos fundadores de nosso seminário, disse: “Aqueles que zombam do que chamamos calvinismo deveriam também zombar do Monte Blanc. Não pretendemos defender todos os atos e opiniões de Calvino. Entretanto, não compreendendo como alguém que realmente entende o grego do apóstolo Paulo ou o latim de Calvino e de Turretino pode deixar de perceber que estes apenas interpretaram e estruturaram o que o apóstolo ensinou”.

Desde os dias dos apóstolos, nenhum evangelista ou pregador jamais enfatizou tanto a absoluta soberania de Deus como o fez Jonathan Edwards, o grande ganhador de almas. E os atuais promotores do evangelismo centralizado no homem talvez fiquem surpresos, ao descobrir que a pregação da soberania de Deus produziu muitos frutos. Durante o ministério de Edwards, o avivamento varreu a sua igreja. Ele disse: “Descobri que nenhuma outra mensagem foi mais poderosamente abençoada do que as mensagens em que enfatizamos a doutrina da absoluta soberania de Deus na salvação dos pecadores”.

O Dr. *Martin Lloyd-Jones* foi um homem que, com alcance internacional, fez mais do que muitos outros em favor do evangelismo bíblico. Ele se via primeiramente como um evangelista. Aqueles que o conheciam de perto também o viam desta maneira. A Sra. Lloyd-Jones foi apresentada, em certa ocasião, a um grupo de homens que, na ausência de seu esposo, elogiavam as habilidades dele. Enquanto os ouvia, a Sra. Lloyd-Jones observou que eles estavam esquecendo a principal característica do ministério de seu esposo e os surpreendeu, afirmando com tranqüilidade: “Ninguém entenderá meu esposo, se não reconhecer que, em primeiro lugar, ele foi um homem de oração e, depois, um evangelista”.

Por ser um calvinista convicto, o Dr. Lloyd-Jones se opunha a algumas das características mais populares do evangelismo moderno. Isto levou alguns que se sentiam descon-

fortáveis com a firmeza do Dr. Lloyd-Jones a dizerem que ele era um “professor e não um evangelista”. Em certa ocasião, um crítico desafiou o comprometimento de Lloyd-Jones com o evangelismo, fazendo a seguinte pergunta: “Quando vocês realizaram a última campanha de evangelização na Capela de Westminster?” A resposta de Lloyd-Jones não tinha propósitos humorísticos: “Realizamos campanha todos os domingos”. Quando preparava alunos para o ministério pastoral, ele disse: “Contesto com firmeza e insisto que toda igreja deveria realizar um culto evangélico todas as semanas”. No ministério de Lloyd-Jones, era o culto de domingo à noite que satisfazia este propósito. Ele manteve essa prática desde o início do seu ministério, em 1927, até que o concluiu em 1968.

ONDE ESTÁ A ESPERANÇA DE SUCESSO NO EVANGELISMO?

O calvinismo é a certeza de que seremos bem-sucedidos na obra de evangelismo. É o fundamento e a esperança dos esforços missionários. Se a esperança de pregadores e missionários estivesse no poder e habilidade de converterem pecadores, ou se nossa esperança estivesse no poder e habilidade de os pecadores mortos vivificarem a si mesmos, deveríamos nos desesperar. Mas, quando a esperança dos resultados do trabalho de um obreiro de Deus está na obra do Espírito Santo, o único que pode outorgar vida espiritual, trabalhamos com a expectativa de que Deus fará aquilo que nenhum pregador é capaz de fazer. Podemos estar

certos de que Ele chamará eficazmente as suas ovelhas, pelo seu poder, de acordo com a sua vontade, por intermédio da oração e da pregação da Palavra.

Grande parte da confusão moderna a respeito do calvinismo resulta de distorções de seus ensinamentos. Por esta razão, é vital compreendermos o que o calvinismo não ensina.

O QUE O CALVINISMO NÃO É

O calvinismo não é antimissionário. Pelo contrário, o calvinismo fornece o alicerce bíblico para missões (Jo 6.37; 17.20,21; 2 Tm 2.10; Is 55.11; 2 Pe 3.9,15).

O calvinismo não destrói a responsabilidade do homem. Os homens têm de prestar contas de toda luz que possuem, quer seja a consciência (Rm 2.15), quer seja a natureza (Rm 1.19,20), quer seja a Lei escrita (Rm 2.17-27), quer seja o evangelho (Mc 16.15,16). A incapacidade do homem para fazer o que é reto não o isenta de responsabilidade, assim como esta mesma incapacidade em Satanás não o isenta de responsabilidade.

O calvinismo não torna Deus injusto. A salvação que Ele outorga a incontáveis hostes de pecadores indignos não é uma injustiça para com os demais pecadores indignos (1 Ts 5.9).

O calvinismo não desestimula aqueles que se sentem culpados e sim os incentiva a virem a Cristo. “Aquele que tem sede venha” (Ap 22.17). O Deus que convence é o Deus que salva. O Deus que salva é o mesmo que elegeu homens para a salvação. É o mesmo Deus que os convida.

O calvinismo não desestimula a oração. Pelo contrário, o calvinismo nos impulsiona a buscarmos a Deus, pois Ele é o único que pode salvar. A verdadeira oração é motivada pelo Espírito Santo e, por esta razão, está em harmonia com a vontade de Deus (Rm 8.26).

PALAVRA DE CAUTELA

1. Não é prudente fazer comentários depreciativos a respeito do que a Bíblia ensina, quer você o entenda, quer não.

2. Não é prudente rejeitar o que a Bíblia ensina a respeito de qualquer assunto, especialmente se você não tem estudado o que as Escrituras dizem a respeito daquele assunto.

3. Não é prudente transformar qualquer doutrina em assunto predileto. Embora a doutrina tenha vital importância, não pode ser separada de toda a verdade do cristianismo.

4. Não é prudente rejeitar qualquer doutrina somente porque ela tem sofrido abusos, tem sido mal utilizada ou confundida. Todas as principais doutrinas da Bíblia têm sido pervertidas e utilizadas com abuso.

5. Não é prudente tentar aprender o que é um calvinista daqueles que não são calvinistas.

UMA PALAVRA DE ADVERTÊNCIA

A advertência de Calvino contra a especulação indevida em referência à sublime doutrina da predestinação pode ser aplicada a todas as doutrinas do calvinismo:

“A curiosidade humana torna ainda mais confusa e perigosa a dis-

cussão sobre a predestinação, que, por si mesma, já é um assunto difícil. Nada pode impedir a curiosidade de vaguear pelos caminhos proibidos, privando-a de elevar-se às alturas. Se lhe permitirmos, ela tentará investigar e esquadriñar todos os segredos de Deus. Se prevalecer entre nós este pensamento: a Palavra de Deus é o único instrumento que nos pode guiar em nossa investigação de tudo que é lícito apreendermos a respeito dEle e a única luz que pode iluminar nosso entendimento a respeito de tudo o que devemos compreender sobre Ele; esse pensamento nos guardará prontamente e nos restringirá de toda imprudência. Pois sabemos que, no momento em que ultrapassamos os limites da Palavra, estamos fora do caminho e nas trevas e que ali temos de vaguear, tropeçar e cair. Acima de tudo, sempre devemos ter isto em mente: procurar outro conhecimento acerca da predestinação, e não aquele que a Palavra de Deus revela, é tão insensato como se alguém decidisse vaguear pelos desertos sem caminho (Jó 12.24) ou tentasse ver na escuridão. Não nos envergonhemos de não saber certas coisas sobre esta doutrina, na qual existem certos aspectos desconhecidos” (*Insitutes*, v. III, p. 1-2).

CONCLUSÃO

O relacionamento harmonioso entre calvinismo e evangelismo tem sido expresso frequentemente em nossos hinos evangélicos.

Dois hinos nos fornecem uma conclusão adequada para este assunto:

*Procurei o Senhor, mas descobri:
Para achar-me,
Ele me fez procurá-Lo.
Não fui eu que Te achei,
Ó Salvador.
Não, eu fui achado por Ti.
Estendeste Tua mão e me agarraste.
Vagueava, mas não sucumbi
No mar enfurecido.
Não fui eu que me apropriei de Ti,
Tu, querido Senhor,
De mim Te apossaste.*

*Eu procuro, eu ando, eu amo,
Mas todo o amor
É apenas a minha resposta a Ti,
Senhor.
Pois antes já estavas perto de mim.
Tu sempre amaste a mim.*
(Anônimo)

*Não fui eu que Te escolhi,
Isto jamais teria acontecido.
Este coração Te rejeitaria,
Se não me tivesses escolhido.
Tu me lavaste
E livraste do pecado
Que me corrompia.
Desde a antiguidade,
Determinaste que eu viveria
Para Ti.
Tua soberana misericórdia
Me chamou e ensinou-me.
O mundo me encantava,
Cegando-me às glórias eternas.
Meu coração nada possui
Diante de Ti;
Anelo por tua rica graça,
Reconhecendo isto:
Se eu Te amo,
Tu me amaste primeiro.*

Josiah Conder

TENTANDO SER UM CRISTÃO

Jim Elliff

Preletor da 22ª Conferência Fiel - Outubro, 2006.

Fiquei admirado. Acabara de explicar a um grupo de cientistas nucleares a diferença entre tentar obter a salvação, por meio de nossas próprias obras, e confiar em Cristo para a salvação. Pensei que havia sido excepcionalmente claro. Mas, enquanto eu saía, um homem agradeceu-me, dizendo: “Acho que preciso apenas me esforçar ainda mais para ser um cristão”. Ele se enganou completamente. Por que ele não entendia a minha opinião?

Ele tinha tanta esperança de chegar ao céu por meio de seus esforços, quanto alguém que tenta alcançar a Deus por meio de uma espaçonave. Sem a ajuda do Espírito Santo e do entendimento proporcionado somente pela Bíblia, todo homem raciocina que tem algo a fazer para merecer o favor divino. A Bíblia não diz isso. Ela ensina que a salvação é um dom recebido tão-somente pela fé, “não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.9).

Foi esta verdade sobre a salva-

ção que mudou o curso da história da humanidade em 1516, quando começou a Reforma Protestante. *Sola Fide* (Fé Somente) se tornou o grito de guerra dos reformadores durante aqueles dias revolucionários. Os reformadores haviam descoberto uma verdade que, por muitos séculos, ficara escondida, atrás dos rituais e dogmas, para a maior parte da sociedade. Mas, com toda certeza, esta verdade não era nova. O patriarca Abraão havia aprendido esta verdade transformadora, 3.000 anos antes que fossem acesas as primeiras faíscas da Reforma.

Abraão descobriu que ser aceito como justo diante de Deus (a justificação) não acontece por meio de nossas boas obras, e sim por meio daquilo que é exatamente o oposto — a fé somente. Esta fé não se manifesta em confiarmos naquilo que fazemos por Deus, e sim em confiarmos naquilo que Cristo fez por nós.

O apóstolo Paulo disse: “Porque, se Abraão foi justificado por

obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Rm 4.2-3).

Se você pudesse ser aceito por Deus com base em suas obras, haveria razão para se gloriar. Significaria que você nunca peca. No entanto, visto que jamais existiu uma pessoa perfeita, exceto Cristo, o caminho das obras para o céu é impossível. Mas existe um caminho possível para sermos justificados — por meio de cremos (ou seja, pela fé), assim como Abraão foi justificado.

Cristo pagou completamente a dívida daqueles que são dEle. Quando sofreu e morreu no Calvário, Ele fez tudo o que poderia ser feito em favor do homem pecador. Este foi um dos mais elevados atos da graça de Deus. Pensar que você pode ser aceito diante de Deus por meio dos seus próprios esforços para ser uma pessoa boa menospreza a cruz de Cristo. Paulo disse: “Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2.21).

Se você quer ser justificado ou aceito como justo diante de Deus, terá de vir por meio do caminho de Deus, por meio da fé em Cristo e naquilo que Ele fez por você. “Tentar ser um cristão” é um insulto para Deus e uma maneira de desprezarmos o que Cristo fez na cruz.

Alguns amigos meus assistiram um acidente catastrófico, quando estavam em uma colina acima do rio Guadalupe, no Estado do Texas. Um ônibus cheio de estudantes havia descido a colina para atravessar a ponte

que havia embaixo. Por causa da excessiva quantidade de chuvas, a ponte estava coberta com água. O motorista do ônibus achava que poderia atravessá-la com facilidade. No entanto, quando ele estava no meio do caminho, uma parede de água lançou-se sobre o lado do ônibus e o arremessou no rio.

Imediatamente os estudantes procuraram sair do ônibus submerso. Alguns conseguiram; outros, não. Aqueles que conseguiram sair do ônibus foram arrastados velozmente pela correnteza, e tentavam se agarrar às rochas, onde quer que pudessem se agarrar. Eles não sobreviveriam por muito tempo.

Helicópteros da base militar de Santo Antonio vieram rapidamente para o local do acidente. Uma corda, lançada dos helicópteros, era fixada no corpo dos estudantes, tornando-lhes possível serem içados e levados para um lugar seco e distante.

Uma das estudantes já estava à beira da loucura por causa do medo. Quando o soldado aproximou-se dela, foi somente com muita dificuldade que ele pôde fixar o *cinto de resgate* ao redor dela. Quando ela estava sendo içada, bem acima da água, os seus braços começaram a agitar-se violentamente — tão violentamente, que ela escorregou do *cinto de resgate*. Meus amigos viram quando aquela moça submergiu na morte, lá embaixo.

Se ela apenas tivesse confiado, poderia ter sido salva da morte.

Deus nunca recompensa o esforço pessoal que você exerce para salvar a si mesmo. Ele não permitirá

que você transforme a cruz em um acontecimento insignificante. Deus não se obrigará a salvá-lo, porque você faz aquilo que acredita serem boas obras. Mas existe um caminho *possível*, por causa de Cristo — o caminho da fé.

“Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não tra-

balha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4.4-5).

Este artigo está baseado no capítulo 10 do livro *Ao Encontro de Deus* (Editora Fiel), escrito pelo mesmo autor.



Se as trevas que envolvem um homem são do tipo que, apesar da escuridão, ainda se vêem raios de luz, estas são as trevas de uma nuvem e não as trevas da noite... Ora, isto sempre acontece com o povo de Deus. Eles passam por aflição, tentação ou desertos, mas, antes que venha o grande livramento, eles são alvos de algumas providências divinas especiais, alguns avivamentos em meio às suas aflições, alguns íterins de luz, algumas aberturas da nuvem. Portanto, no meio de tudo isso, eles podem afirmar: “Com certeza, estas minhas trevas não são as trevas da noite, e sim as trevas de uma nuvem”. Eu digo que não existem quaisquer desencorajamentos sobrevindo aos crentes; é apenas questão de uma nuvem, e eles podem dizer: “É apenas uma nuvem; logo passará”.

William Bridge

Não perdem nada aqueles que ganham a Cristo.

Samuel Rutherford

TRAJETÓRIA NA REFORMA

Phil A. Newton

Preletor da Conferência Fiel em Portugal - 2006

No início de meu ministério, eu não tinha idéia do que era um trabalho reformado. Embora estivesse familiarizado com alguns acontecimentos e personalidades da Reforma do século XVI, a necessidade contínua de uma reforma bíblica não fazia sentido para mim. Contudo, isso logo mudou.

Estava em meio aos estudos de “Crescimento da Igreja”, sob a orientação de Peter Wagner, no Seminário Teológico Fuller, quando a minha compreensão teológica começou a mudar vagarosamente. À medida que mantinha interação com ministros e alunos oriundos de várias denominações, comecei a ler com mais intensidade do que em qualquer outra época de meu ministério. A maioria daquelas leituras careciam de raízes teológicas, embora focassem o ministério da igreja. Achei intrigante que a sociologia, e não a teologia, era o que norteava o Movimento de Crescimento de Igrejas. Lembro-me de, certa vez, ter conversado com um aluno que era um batista do Sul a

respeito de TULIP, que em inglês forma o acróstico do calvinismo. Ele me perguntou sobre quantos pontos do calvinismo eu concordava. Respondi que não tinha certeza e pedi que me explicasse o significado de cada um dos pontos. Conforme ele falava sobre a depravação total, a eleição incondicional, a expiação limitada, a graça irresistível e a perseverança dos santos, concluí que concordava com quatro pontos e que não estava certo sobre a expiação limitada. Nossa conversa migrou para outros assuntos, mas o acróstico TULIP permaneceu em minha mente.

Pouco depois disto, comecei a implantação da igreja à qual sirvo agora, emprestando princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas, enquanto procurava manter a exposição bíblica como prioridade. Um bom número de pessoas se juntou entusiasticamente à nova igreja, que não possuía declaração doutrinária nem sistema de governo. Após alguns anos na nova igreja, fiz uma viagem missionária e fiquei hospeda-

do no mesmo quarto com outro pastor. Ele afirmou ser um calvinista dos 5 pontos. Continuei a ponderar sobre como tudo isto funcionava em minha própria teologia.

“ENTÃO, VOCÊ É UM CALVINISTA!”

Minha prática de pregar com regularidade através dos livros da Bíblia me desafiava. A epístola de Paulo aos Efésios parecia ser o livro que, pessoalmente, eu precisava investigar, a fim de acertar algumas questões que ardiavam em meu pensamento. A essa altura, comecei a lutar teologicamente com vários textos, reconhecendo que passar superficialmente por eles não estava em harmonia com a fidelidade à Palavra de Deus. Compreendi que a adequação dessas questões teológicas afetaria minha metodologia no ministério. Ao entender claramente que a literatura do Movimento de Crescimento de Igrejas, em sua maior parte, era direcionada pela sociologia, o pragmatismo e a cultura, mas não pela teologia, reconheci que tornar-me um homem norteador pela teologia mudaria radicalmente a minha abordagem ministerial. Devido ao elevado respeito à Palavra de Deus, eu sabia que precisava ter um fundamento bíblico para minha fé e prática. Assim, em 1990, apenas três anos após iniciar a igreja, comecei a estudar e pregar em Efésios. Simultaneamente, fiquei abalado e entusiasmado! Profunda alegria e perplexidade invadiram minha mente ao fazer a exegese dos textos e meditar neles, bem como ao ler Lloyd-Jones, Stott, Boice, MacArthur, Morris, Packer,

Sproul e outros. Meu mundo teológico virou de cabeça para baixo, ou, melhor dizendo, ficou com o lado certo para cima!

Ainda não fora longe em meus estudos em Efésios, quando me sentei só e refleti em voz alta: “Então, você é um Calvinista de 5 pontos!” A essa altura, eu conhecia somente três batistas que eram reformados. Dois deles, alunos do seminário local, haviam se mudado para outros ministérios. O outro era Tom Nettles, que concluiu seus ensinamentos no Seminário Teológico Batista Centro-Americano, em Memphis, logo após mudarmos para a cidade. Na ocasião, o Dr. Nettles acabara de mudar-se para Chicago, os dois alunos haviam partido há mais tempo, e eu estava só – ao menos foi o que pensei. Quanto mais estudava, mais cresciam minhas convicções e mais o Senhor trazia pessoa após pessoa a cruzar o meu caminho, para fortalecer minha reforma teológica. Mais do que qualquer outro, Martin Lloyd-Jones, por meio de seus oito volumes sobre Efésios, foi o meu mentor nas doutrinas da graça. Seus argumentos contundentes descongelaram a frieza que havia em minha teologia bíblica.

Isto deu início ao processo de reforma em nossa igreja. Estudei e preguei em Efésios, sabendo que os versículos iniciais trariam choque à congregação. Alguns dos membros da igreja estavam um passo adiante de mim em sua própria reforma teológica e ofereceram-me encorajamento significativo. Uma estimada irmã deu-me outros excelentes livros que completaram meus estudos. Nossas discussões aprimoravam mi-

nha habilidade de expor os pontos difíceis da doutrina. Minha esposa e eu gastávamos horas, falando sobre o que eu estava estudando e pregando, e as perguntas que ela fazia aguçavam meu entendimento.

Outros aceitaram imediatamente o ensino bíblico, achando-o *libertador*, embora nem todos concordassem com o que eu estava pregando. Com frequência, aos domingos ou quartas à noite, eu abria a oportunidade para discutirmos a exposição feita em Efésios. Reconhecia que algumas das doutrinas pareciam estranhas ao entendimento. Portanto, demonstrar a consistência dos decretos divinos (eleição, predestinação e redenção particular), revelando a conexão dessas doutrinas em todas as Escrituras, foi algo precioso. Telefonemas e discussões após os cultos ofereceram mais oportunidades de conversar sobre doutrina, dar mais esclarecimentos sobre interpretações incorretas e aprimorar minha compreensão sobre o assunto. Minhas citações de Spurgeon, Lloyd-Jones, Packer, MacArthur e outros evangelistas conhecidos colaboraram para que a igreja visse que seu pastor não havia se desviado por uma tangente estranha!

Logo descobri que precisava ser paciente no ensino das doutrinas da graça. Estava explorando um território novo, mesmo para mim; então, dialogar com a minha congregação, sem tomar uma postura defensiva, foi algo importante. Também não poderia martelar essas doutrinas em suas mentes sem causar oposição. Por isso, não me apressei em trabalhá-las. Por saber que me seriam

feitas perguntas sérias, intensifiquei meus estudos pessoais; conseqüentemente, isso produziu total mudança na forma de preparar os sermões. Eu estava mudando, e a minha congregação também, embora nem todos.

OUTRO ÁLAMO

Durante a fase inicial de reforma, enquanto negociávamos uma propriedade e aguardávamos a construção de nosso edifício permanente, estávamos nos reunindo em um antigo templo, que pertencia a uma empresa que fabricava tendas. Sua fachada de pedras fazia recordar o Álamo*, e, em muitos aspectos, parecia uma repetição daquele episódio! Em grande parte sem o meu conhecimento, iniciou-se uma batalha na igreja, que veio a eclodir publicamente dois anos mais tarde. Certamente houve conflitos que envolveram pessoas e trouxeram sofrimento entre aqueles que aceitavam as doutrinas da graça e os que as rejeitavam silenciosamente. Apesar disso, pensei que as diferenças estavam em níveis individuais e de preferências de ministério. No momento, eu tinha pouca idéia de que já estavam traçadas as linhas das batalhas doutrinárias e que as armas de guerra estavam prontas para entrar em ação.

Permanecemos dois anos no “Álamo”, tempo suficiente para trabalhar em Efésios e completar um novo estatuto para a igreja. Por vários anos, tive preocupações sobre a forma de governo que regia as igrejas batistas às quais servi. Então, um importante grupo de líderes trabalhou comigo, através das Escrituras, na

conclusão da posição bíblica sobre a pluralidade de presbíteros. Após esse trabalho, apresentei isso de modo sistemático à igreja, a qual votou em favor da adoção da pluralidade de presbíteros em nossa estrutura congregacional. Três famílias nos deixaram por causa deste aspecto da reforma. O restante da igreja pareceu favorável, enquanto nos mudávamos para o novo edifício com um novo estatuto e expectativas de crescimento.

E realmente crescemos! Pelo menos, aumentamos o número de membros, enquanto uma parte da igreja continuava a crescer em entendimento bíblico. O que nos faltava, ao entrar no novo edifício, era um processo claro de membresia. Oitenta por cento dos visitantes chegavam à igreja por terem observado a construção do edifício e decidido que desejavam sondar esta jovem congregação. Muitos deles ficaram.

Naquela altura, eu ainda fazia o apelo formal no final dos sermões, embora fosse cauteloso em não fazê-lo de forma manipuladora. Visto que muitos dos visitantes eram de origem batista, o “apelo” os favoreceu a juntarem-se à igreja. Mais tarde, isso se tornou um problema para mim! Muitos deles não se uniram a nós por convicção bíblica; alguns, obviamente, não eram regenerados. Por outro lado, alguns permaneceram firmes na verdade que ouviam do púlpito e desejaram fazer parte daquela igreja em processo de reforma.

REALIDADE ESTABELECIDADA

No período de dois anos, no

verão de 1994, a euforia pelo novo edifício passou. Continuei a pregar expositivamente, aplicando as diversas doutrinas de cada texto e desfrutando, eu mesmo, do processo de aprender a verdade. Os meus dias de superficialidade teológica haviam terminado. Embora no seminário raramente tivesse discussões teológicas substanciais, agora me encontrava em discussões teológicas regulares com os membros da igreja e amigos. Portanto, não era surpreendente que a tensão crescesse na igreja. Quando a energia do povo não estava mais focalizada no novo edifício e nos membros novos, alguns começaram a atentar à mensagem. Nesse tempo, eu estava numa série de estudos no evangelho de João. Mensagens como “Quando a Crença é Pequena” (2.23-25), “O Novo Nascimento” (3.1-15), “O que é Realmente o Evangelho” (3.31-36) e “A Verdadeira e a Falsa Adoração” (4.20-24) sondaram profundamente a consciência e expuseram a fé superficial. Alguns não queriam admitir que houvessem interpretado erroneamente as doutrinas de Deus e do homem. Para outros, o cerne da questão não eram os decretos divinos ou a depravação total, e sim as suas dúvidas quanto o próprio evangelho. O que é realmente o evangelho? Que papel o homem desempenha em sua salvação? O que significa ser regenerado? O que acontece quando Deus salva um pecador?

Em meio a tudo isso, várias famílias trouxeram-me suas crianças, pedindo-me que as batizasse. Ao conversar com aquelas crianças, convenci-me de que não tinham qualquer noção do evangelho, apesar

de confessarem ser crente nas Escolas Bíblicas de Férias ou nas escolas cristãs onde estudavam.

A ira aumentou porque ousei questionar a validade da profissão de fé verbalizada por seus filhos e recusei batizá-los, embora houvesse dado, em cada situação, orientação aos pais no tocante

ao ensino do evangelho a esses filhos. Continuei expondo o Evangelho de João, até o capítulo 6, resultando em que o dique não conseguiu mais reter as águas da dissensão. Procurei comprovar a natureza da graça salvadora, corrigindo as antigas e equivocadas noções quanto

à segurança eterna, comuns entre os batistas, ou seja: a pessoa que fez uma decisão estava segura, independentemente de como vivesse após a decisão. Citando Spurgeon, afirmei: “A verdadeira conversão concede perdão ao homem, mas não o torna acomodado. A verdadeira conversão dá ao homem descanso perfeito, mas não faz cessar seu progresso. A verdadeira conversão outorga segurança ao homem, mas não lhe permite deixar de ser vigilante”.

Naquela noite, recebi um telefonema de um homem que havia estado na igreja desde o início, dizen-

do-me que ele e sua esposa estavam “inclinados” a visitar outras igrejas. Perguntei por quê, e ele me respondeu: “Não achamos que estamos sendo alimentados”. Isto contradizia o que outras pessoas atestavam. Então, lhe disse: “Talvez haja algo errado com o seu apetite”.

Outras famílias tiveram essa mesma inclinação. Não ocorreu uma saída em massa; apenas um escoamento contínuo por três anos, saindo uma família aqui, duas ou três ali, até que desapareceu sessenta e cinco por cento de nossa frequência. Sem meu conhecimento, dois

professores das nossas maiores classes de Escola Dominical procuraram se assegurar de votos suficientes para me remover. Eu considerava ambos como bons amigos. O esforço que fizeram para me remover fracassou. Deus interferiu no processo, por meio do corpo, mas o envenenamento do poço causou o esvaziamento daquelas classes. Contudo, a igreja começou a mudar. Uma renovada fome por Cristo e um novo desejo pela Palavra se espalhou pela igreja; o louvor se intensificou; cresceu a seriedade com o evangelho; um profundo regozijo com a graça de Deus nos maravilhou!

“A verdadeira conversão concede perdão ao homem, mas não o torna acomodado. A verdadeira conversão dá ao homem descanso perfeito, mas não faz cessar seu progresso. A verdadeira conversão outorga segurança ao homem, mas não lhe permite deixar de ser vigilante”.

Nem todos que nos deixaram levaram rancor; apenas alguns. A maioria simplesmente acompanhou as “carruagens” na corrida do ouro imaginário, sem reconhecer que os mais preciosos veios de ouro da graça só aparecem após sofrimento e paciência. Ao longo do tempo, vários dos que nos deixaram nos revelaram que haviam crescido e aprendido mais da Palavra de Deus em nossa igreja, em South Wood, do que em qualquer outra da qual depois fizeram parte. Esta declaração me intrigou mais do que o fato de terem nos deixado.

Alguns deles até chegaram a nos ligar, pedindo desculpas pela parte que tiveram no conflito. Quanto aos que permaneceram, a unidade e a maturidade desenvolvidas superaram nossas expectativas. Deus se agradou em agregar outros à igreja, dando-nos almas preciosas da comunidade, permitindo-nos testemunhar do poder do evangelho e expandir a pregação e o ministério de nossa igreja além de Memphis. O surgimento de um grupo de líderes espirituais, provados e refinados pelo conflito, continua sendo a comprovação dos dividendos da reforma bíblica.

LIÇÕES APRENDIDAS

A reforma é um processo lento. Quanto a mim, demorou vários anos para que me agarrasse às doutrinas da graça. Portanto, não deveria esperar que minha congregação as aceitasse em algumas semanas. Eles não precisavam de que eu fosse contundente, e sim de que tivesse paciência e ensino sincero; precisavam de ternura nas discussões e que eu evitasse uma postura defensiva,

enquanto realizava o processo. É fácil termos expectativas irreais acerca de nossas igrejas, ao pensar que algo tão profundo como os mistérios de Deus sejam compreendidos por meio de um simples sermão. Nossos melhores ensinamentos se firmam quando assentamos, cuidadosa e deliberadamente, cada uma dessas verdades. Lloyd-Jones foi um exemplo da importância de resumir e repetir os ensinamentos em sua igreja, em Londres. Ele reconheceu que o assentar cuidadoso e enfático das verdades que um pastor já compreendeu se tornam a pedra angular para estabelecer uma igreja na Palavra de Deus.

Algumas lições são mais bem aprendidas em meio à provação. Eu nunca compreendera a importância vital de cada um dos aspectos da igreja local moverem-se na mesma direção. Durante os dias de conflito, os professores das três maiores classes da Escola Dominical voltaram a atenção de seus alunos para um cristianismo de doutrina *light*. O problema não era o que eles ensinavam; o mais agravante era *o que eles não ensinavam*. Ao mesmo tempo que eram afaçados com lições bíblicas leves e superficiais na Escola Dominical, os alunos tinham a mente desviada das verdades sólidas da pregação doutrinária. Assim como crianças que assaltaram o jarro de bolachas antes do jantar, seus apetites espirituais estavam saciados, de modo a não sentir satisfação na pregação bíblica. Preferiam o aconchego e os jargões de um cristianismo vazio, em vez da fé que, de uma vez por todas, foi entregue aos santos. Apesar de tudo isso, à medida que a reforma acontecia em

nosso ministério com os estudantes, nos cultos de adoração, nos ministérios de música e de crianças, no evangelismo e em toda a vida eclesial, a igreja desenvolvia uma unidade que não pode ser produzida artificialmente. A graça de Deus nos ligou em amor uns pelos outros e no apoio mútuo entre os ministérios — tudo para a glória de Deus e o progresso do evangelho.

Lembro-me de haver conversado com Ernie Reisinger, alguns anos depois de iniciarmos nossa reforma. Ele me aconselhou: “Faça o seu povo ler”. Eu já havia desenvolvido a prática de imprimir os manuscritos de meu sermão e deixá-los disponíveis, antes do culto, a fim de que os desacomodados à pregação expositiva pudessem acompanhar melhor. Comecei a acrescentar livretes sobre assuntos variados, livros curtos, reproduções de sermões de Spurgeon, dos Puritanos e de John Piper, além de outras fontes para minha congregação. Isto serviu para aumentar a fome por bons livros nos membros da igreja. Eu os desafiei a ler a Bíblia toda durante o ano. Muitos aceitaram e continuam a fazê-lo.

O corpo de Cristo se tornou ainda mais precioso para mim, na trajetória da reforma. Deus levantou irmãos e irmãs, na igreja, para ficarem firmes comigo. Uma palavra de encorajamento, um bilhete de agradecimento por pregar a Palavra, um braço ao redor de meu ombro, um aceno aprovador com a cabeça durante o sermão, uma oração sincera e uma refeição em conjunto — essas coisas provaram ser um bálsamo para a cura do desencorajamento,

quando a tensão se agravava. Com a experiência de pastoreá-los, minha visão da igreja ficou mais nítida, por compreender o quanto eu precisava do corpo de Cristo.

Depois de alguns anos na reforma, fui informado sobre o *Founders Ministries*, por meio de uma conversa providencial com Jim Carnes, que agora é nosso ministro de música e presbítero na igreja. Ele também me falou sobre a conferência anual de jovens (agora chamada *Saved By Faith Youth Challenge*). Meu pastor auxiliar naquela época, Todd Wilson, e eu levamos os jovens para a nossa primeira conferência. Eles amaram, e nós também. Encontrei um grupo de homens e mulheres de outras igrejas que também haviam passado pelo mesmo processo de reforma. As conversas até tarde da noite curaram muitas feridas e me incentivaram a prosseguir na reforma. Mais tarde, no verão, freqüentei pela primeira vez a *Conferência Founders*. Meu coração percebeu imediatamente o espírito acolhedor daqueles irmãos que compartilhavam de um mesmo pensamento comigo. Eu precisava daquela comunhão e encorajamento, para que não me tornasse negligente, em minha trajetória na reforma. Ainda estou na jornada e sou muito grato por ter recebido o apoio dos presbíteros, dos diáconos, dos funcionários, da igreja e das famílias que estão peregrinando comigo.

(*) NT – Referência à batalha do Álamo, na ocasião em que o Texas se tornou independente do México. O Álamo ficou conhecido como um símbolo heróico de resistência à opressão.

INTRODUÇÃO AO LIVRO “OURO DE TOLO?”

John MacArthur

Certa vez, uma mulher me escreveu para dizer que pensava que o cristianismo era bom, mas ela, em particular, era ligada ao zenbudismo. Gostava de ouvir a rádio evangélica, enquanto dirigia, porque a música “aliviava o seu carma”. Mas, ocasionalmente, ela sintonizava um dos ministérios de ensino bíblico. Em sua opinião, todos os pregadores que ouvira tinham a mente muito fechada no que diz respeito a outras religiões; por isso, ela decidira escrever para vários pastores que ministravam no rádio e encorajá-los a terem a mente mais aberta.

“Deus não se importa com *o que* você acredita, contanto que seja sincero”, ela escreveu, ecoando uma opinião que tenho ouvido muitas vezes. “Todas as religiões nos levam, finalmente, à mesma realidade. Não importa que estrada você tome para chegar lá, contanto que siga com fidelidade o caminho escolhido por você mesmo. Não critique os cami-

nhos alternativos que as outras pessoas escolhem.”

Para aqueles que aceitam a Bíblia como a Palavra de Deus, a loucura desse raciocínio deve ser logo evidente. Se as conseqüências do que acreditamos significam a diferença entre certo e errado, o agradar a Deus e o receber sua punição, a vida e a morte, então, precisamos ter certeza de que aquilo em que cremos está baseado num pensamento claro. Em outras palavras, precisamos exercitar o discernimento.

De fato, o discernimento está tão na moda, em nossa cultura, quanto a verdade absoluta e a humildade. Fazer distinções e julgamentos claros contradiz os valores relativistas da cultura moderna. O pluralismo e a diversidade têm sido exaltados como virtudes mais elevadas do que a verdade. Não devemos estabelecer limites definitivos ou afirmar qualquer absoluto. Isto é considerado retrógrado, antiquado, deselegante.

E, embora esta atitude para com o discernimento bíblico seja esperada do mundo secular, ela tem sido lamentavelmente abraçada por um número cada vez maior de cristãos evangélicos.

Como resultado, o evangelicalismo tem começado a perder as características que o distinguia do mundo – preferindo freqüentemente a tolerância à verdade. A maioria dos evangélicos não está aceitando o islamismo, hinduísmo ou outras religiões anticristãs. Entretanto, muitos parecem imaginar que não importa realmente o que você crê, contanto que tenha o nome de cristão. Com exceção de algumas seitas que rejeitam ostensivamente a Trindade, quase tudo o mais que for ensinado em nome de Cristo é aceito pelos evangélicos – desde o catolicismo romano (o qual nega que os pecadores são justificados somente pela fé) ao movimento Palavra da Fé (que corrompe a doutrina de Cristo, ao fazer da saúde e da riqueza temporal o foco da salvação).

Em nome da unidade, esses assuntos de doutrina *jamais* devem ser contestados. Somos encorajados a insistir em nada mais do que uma simples afirmação de fé em Jesus. Além disso, o *conteúdo* específico da fé deve ser um assunto de preferências pessoais.

É claro que esta atitude geral de aceitação não é nova; a igreja tem travado uma luta contínua sobre o assunto de discernimento doutrinário, pelo menos desde o início do século XX. Este mesmo apelo para que tenhamos uma mente mais aberta no que concerne a padrões e crenças

religiosas sempre esteve no topo da agenda do liberalismo teológico. Na verdade, isto é exatamente o que o termo *liberal* significava originalmente. A novidade nos apelos à tolerância, em nossos dias, é que eles vêm de dentro do evangelicalismo.

Nada é mais desesperadamente necessário à igreja contemporânea do que um novo movimento para enfatizar, outra vez, a necessidade de discernimento bíblico. Sem um movimento assim, a verdadeira igreja está em sérios apuros. Se a ânsia atual por um compromisso ecumênico, santificação pragmática e sucesso numérico continuar ganhando espaço no evangelicalismo, o resultado será um desastre espiritual absoluto.

Este livro, portanto, é um apelo ao discernimento. É um lembrete de que a verdade de Deus é um bem precioso que deve ser tratado com cuidado – e não diluído em crenças extravagantes ou amarrado às tradições humanas. Quando igrejas ou crentes individuais perdem sua resolução de discernir entre a sã doutrina e o erro, entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira, eles se abrem a todo tipo de engano. Mas aqueles que aplicam consistentemente o discernimento bíblico, em todas as áreas da vida, podem ter a certeza de caminhar na sabedoria do Senhor (Pv 2.1-6).

Em contraste, os crentes contemporâneos se conformam com a opinião de que poucas coisas precisam ser definidas com exatidão. Assuntos doutrinários, questões morais e princípios cristãos são todos classificados como ambíguos. Toda pessoa é encorajada a fazer aquilo que

é certo aos seus próprios olhos – exatamente o que Deus proíbe (Dt 12.8; Jz 17.6; 21.25).

A igreja jamais manifestará seu poder na sociedade, se não recuperar um amor ardente pela verdade e aversão à mentira. O verdadeiro crente não pode fechar os olhos ou negligenciar as influências anticristãs em seu meio, esperando desfrutar das bênçãos de Deus. “E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem

chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Rm 13.11-12). Portanto, “também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.9-11).

(Extraído do livro *Ouro de Tolo?*, Editora Fiel, São José dos Campos, SP)

DE MIM PROCEDE O TEU FRUTO.

Oséias 14.8

C. H. Spurgeon

Nosso fruto procede de nossa união com Deus. O fruto do galho tem sua origem diretamente vinculada à raiz. Quando cortamos a ligação do galho, este morre e não produz nenhum fruto. Pela virtude de nossa união com Cristo, produzimos fruto. Todo cacho de uvas esteve primeiramente na raiz. Passou pelo tronco, seguiu pelos vasos de seiva, moldando-se exteriormente em um fruto. De modo semelhante, toda boa obra do crente estava primeiramente em Cristo e, posteriormente, foi produzida em nós.

Crente, valorize esta preciosa união com Cristo, visto que ela tem de ser a fonte de toda fertilidade que você espera conhecer. Nosso fruto vem das providências espirituais de Deus. Quando as gotas de orvalho caem do céu; quando lá de cima as nuvens olham para baixo e estão quase destilando seu tesouro líquido, quando o sol brilhante faz crescer os frutos do cacho, cada bênção celeste pode sussurrar para a árvore: “De mim procede o teu fruto”... Oh! quanto devemos à providência e à graça de Deus! Constantemente, Ele nos dá ânimo, ensino, consolação, fortalecimento e tudo o que necessitamos. Disso resulta toda a nossa utilidade e eficácia.

(Extraído do livro *Leituras Diárias*, Vol. 2, Editora Fiel.)